

A FORMAÇÃO DO FUNDO SANTO DIAS NO CEDEM; A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO MÁRTIR OPERÁRIO

THE FORMATION OF THE SANTO DIAS NO CEDEM FUND; CONSTRUCTION OF THE MEMORY OF THE OPERATOR MARITAL

Carlos Alberto Nogueira DINIZ*

RESUMO: Este presente artigo tem como objetivo analisar parte do processo de construção da memória do operário Santo Dias da Silva a partir da constituição do acervo Fundo Santo Dias localizado no Centro de Memória e Documentação da UNESP (CEDEM). O Fundo Santo Dias é um dos poucos acervos no Brasil dedicados a memória de um único operário. Esse acervo foi em parte formado por documentos cedidos pela família, amigos e companheiros militantes das pastorais sociais e sindicatos. Apesar da dimensão da memória do operário Santo Dias ser muito maior que o acervo e estar presente em outras manifestações mnemônicas, a institucionalização dessa documentação foi muito importante para o estudo e manutenção da memória dos movimentos sociais no Brasil.

Palavra-chave: Silva, Santo Dias da, 1942-1979. Memória coletiva. Movimentos sociais. Sindicalismo.

ABSTRACT: This paper aims to analyze part of the worker's memory construction process Santo Dias da Silva since the incorporation of the Fund Santo Dias collection located in the Center of Memory and Documentation of UNESP (CEDEM). The Santo Dias Fund is one of the fewest collections in Brazil dedicated to the memory of a single worker. This collection was in part formed by documents granted by the family, friends and militant companions of the social pastoralists and unions. Although the worker's memory size Santo Dias is much larger than the collection and it is present in other mnemonic manifestations, the institutionalization of this documentation was very important for the study and maintenance of the memory of social movements in Brazil.

Key words: Silva, Santo Dias da, 1942-1979. Collective memory. Social movements. Syndicalism.

Introdução

Santo Dias nasceu em 22 de fevereiro de 1942 no distrito de Terra Roxa do interior de São Paulo, trabalhou na fazenda Guanabara na mesma cidade. Em 1962 Santo Dias foi expulso junto com sua família, mudou-se para São Paulo onde posteriormente casou-se com Ana. Santo Dias participou da Oposição Sindical Metalúrgica, da Pastoral Operária, do Movimento Custo de Vida e das associações de bairro, morreu em 30 de outubro de 1979 após ser baleado durante um piquete por um policial. Apresentamos a formação do acervo Santo Dias no Cedem e sua diversidade de

* Mestre em História - Doutorado(a) - Programa de Pós-graduação em História - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP - Univ. Estadual Paulista, Campus de Assis. E-mail: carlaodiniz80@gmail.com.

fontes documentais para o estudo sobre esse importante personagem dos movimentos sociais e sindicais em São Paulo.

É a partir do Fundo Santo Dias que será possível problematizar a respeito da construção desse “lugar da memória” e da sua utilização pelos grupos e atores sociais que ajudaram a construí-lo. Mas é preciso lembrar também que a memória de Santo Dias vai além dos chamados “lugares da memória”, ela encontra eco nas práticas de rememoração, que de alguma forma fazem com que o legado do personagem seja renovado diante dos conflitos e questões do presente. Nesse sentido, analisar os fragmentos materiais e de práticas da memória de Santo Dias possibilita refletir sobre os espaços de luta e de inquietação que trabalhadores produziram em um tempo recente.

Os arquivos pessoais possuem como característica a preservação da memória de um indivíduo, mas é preciso lembrar que, por mais documentado que seja um arquivo, ele sempre será composto por fragmentos e lacunas.

O Fundo Santo Dias

O Fundo Santo Dias foi formado em 2005 e grande parte por documentos reunidos pela família, mas entregues por companheiros de militância após a sua morte, portanto não se caracteriza enquanto acervo pessoal.

A memória tem como característica a fragmentação e a história também, ou seja, o passado não pode ser representado como um todo e de forma definitiva.

Os tempos dos lugares são esse momento preciso em que um imenso capital que vivíamos na intimidade de uma memória desaparece para viver apenas sob o olhar de uma história reconstituída [...] Os lugares de memória são, antes de mais nada, restos. A forma extrema em que subsiste uma consciência comemorativa numa história que a convoca, pois a ignora. É a desritualização de nosso mundo que fez aparecer a noção [...] Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, averbações, monumentos, santuários, associações, são os remanescentes testemunhos de uma outra era, ilusões de eternidade. Daí o aspecto nostálgico desses empreendimentos de piedade, patéticos e glaciais. São rituais de uma sociedade sem ritual [...] signos de reconhecimento e de pertença de grupo numa sociedade que tende a reconhecer tão-somente indivíduos iguais e idênticos¹

A simples escolha do personagem a ser lembrado e o que deve ser lembrado já se constitui como um elemento de fragmentação da memória e do passado. Mas é preciso dizer que nos silêncios, nas lacunas e nas escolhas feitas pelos organizadores

dos arquivos também se encontram os discursos que prevalecem e são esquecidos no processo de constituição da memória.

A história, seja ela dos vencedores ou dos vencidos, é feita de escolhas e, portanto, a relação do historiador com o arquivo também é constituída de escolhas e questões a serem respondidas.

Os lugares da memória surgem a partir de perspectivas e de relações de poder sobre o que deve ser lembrado e fazer parte da memória coletiva. E é evidente que os conflitos e antagonismos em relação ao passado nunca estão por completo terminados, já que os silêncios e omissões podem também ser motivos de novas indagações.

De acordo com Nora (1996), as diferenças entre “lugares de história” e “lugares de memória” começam no momento em que há uma aceleração da história, causando assim uma ruptura entre ambas, fazendo com que se percam as tradições, experiências e costumes. Os “lugares de história” são onde se encontram instrumentos para seu estudo, como os arquivos, bibliotecas, dicionários, museus, cemitérios, santuários etc. Ou até mesmo a memória de testemunhas de outra época.

Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repetição daquilo que sempre se faz, numa identificação carnal do ato e do sentido. Desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história (NORA, 1996, p. 8).

Segundo Nora (1996), a história se desenvolve como um exercício regulado da memória, contudo faz nascer uma grande preocupação historiográfica, pois tenta se livrar da memória propondo uma história da história, ou seja, uma consciência historiográfica em que seu estudo se basearia em uma idade historiográfica x um momento histórico, o que causaria o fim de uma tradição de memória. Os “lugares de memória” baseiam-se em resíduos do passado, a sociedade também se utiliza da memória, principalmente para a conservação e transmissão de valores impostos pela Igreja, pela escola, pela família ou até mesmo pelo Estado, mas a memória também pode ser vista como fonte ideológica. Na maioria dos casos ela não é espontânea, mas necessita de “lugares de memória” para que não caia no esquecimento.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (NORA, 1996, p.13).

Isso acontece porque as pessoas não vivem verdadeiramente suas lembranças, pois acabam vivendo sobre uma memória reconstituída pelo material concreto ou simbólico em que elas possam ancorar suas lembranças.

A relação entre o historiador e o arquivo é condicionada por vários fatores: institucionais, políticos, técnicos e sobretudo metodológicos. Nesse sentido, a pesquisa vai além da problemática que o historiador apresenta, ligando-se diretamente às relações estabelecidas tanto com as fontes quanto com a busca e o acesso a estas.

O historiador, quando elabora um projeto de pesquisa e estabelece objetivos para seu projeto, na medida em que o trabalho avança, pode se deparar com limitações e também com surpresas, mesmo que já conheça parte do acervo.

A relação do historiador com o acervo é também marcada pela experiência concreta da pesquisa, na qual o historiador também é colocado diante de questões materiais, técnicas, metodológicas e de disponibilidade e característica das fontes. Portanto, o trabalho de pesquisa não acontece de forma unilateral entre o historiador e a fonte, mas é condicionado por outras variáveis notadamente complexas do social.

O acervo pessoal tem uma característica peculiar, o cuidado, pois mesmo cedido a uma universidade, ele faz parte de um legado familiar, afetivo e que necessita de sensibilidade por parte do pesquisador no seu trabalho e na utilização da documentação, muitas vezes sujeitos à autorização da família. Mas o cuidado não deve ser confundido com censura. Romper com idealizações, desconstruir discursos e interpretar os silêncios é essencial para analisar a construção da memória de um personagem. O acervo Santo Dias não pode ser considerado um acervo pessoal porque a maior parte da documentação foi reunida após sua morte e por diferentes grupos sociais como pastorais, sindicatos e movimentos de bairro.

Os chamados “lugares da memória”, segundo Nora, não se resumem à documentação material das elites e de figuras importantes, mas se constitui a partir de novos lugares e também de novos sujeitos históricos que compõem a sociedade.

Um importante fato na formação de acervos dedicados à história social é o arquivo Edgard Leuenroth, que foi comprado em 1974 junto à sua família pela UNICAMP e funcionou durante quase dez anos de forma clandestina, pois abrigava uma documentação importante sobre o movimento operário e a esquerda brasileira. O arquivo funcionou no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas graças ao empenho dos professores e dirigentes da Unicamp. Foi possível, a partir dessa documentação, criar posteriormente um arquivo de história social (CAMARGO, 1999, p. 56).

Para o fortalecimento da pesquisa, principalmente no que se refere às ciências humanas, é necessária uma política séria de investimento na manutenção e formação de centros dedicados à preservação documental do patrimônio histórico e documental do Brasil, mas essa preocupação é recente e atribuída quase sempre às universidades.

No Brasil, durante muito tempo houve negligência em relação ao patrimônio documental e histórico. As universidades, com a necessidade de avanços em relação à pesquisa a partir da década de 1970, começaram a criar paulatinamente centros dedicados à memória e ao patrimônio histórico, sendo muitos deles ligados a museus.

Segundo Camargo, centros de memória e documentação são característicos das universidades brasileiras, sendo dedicados aos arquivos e também aos museus. O Cedem, utilizado em minha pesquisa, é o Centro de Documentação e Memória da UNESP, ou seja, faz parte da universidade.

Os centros de memória e documentação tornaram-se característicos das universidades brasileiras, preservando o patrimônio arquivístico e, em alguns casos, até parte do patrimônio museológico. Apenas o patrimônio bibliográfico foi mantido como principal atividade das bibliotecas universitárias. Mesmo assim, delas não costumam fazer parte as coleções históricas de jornais ou regionais, coleções fotográficas, iconográficas e cartográficas que podem ser objeto de tratamento dessas unidades (CAMARGO, 1999, p. 56).

Os centros de documentação das universidades transformaram-se em centros de pesquisas importantes para pesquisadores, tanto para os alunos e professores quanto para pessoas não ligadas diretamente à universidade. Isso propiciou aos pesquisadores a viabilização de suas pesquisas e a especialização em mais temáticas com a disposição e reunião dessas fontes de pesquisa.

Além de ajudar na pesquisa, os centros de documentação também puderam, ao longo do tempo, ser repensados a partir das próprias abordagens e reflexões a respeito da memória coletiva e das temáticas abordadas pelos historiadores.

Além da instituição, as diretrizes daquilo que deve ser preservado e, portanto, visto como documento histórico é extremamente importante para a formação dos arquivos.

Muitos desses centros transformaram-se em centros de pesquisa e memória social importantes, destacando-se não apenas pelo papel fundamental que passaram a desempenhar na criação de condições para a prática e o exercício da pesquisa, como pela produção intelectual que viabilizaram a partir da reunião de pesquisadores em torno de suas temáticas de especialização.

É preciso lembrar ainda que esses centros passaram a cumprir uma função muito importante no conjunto da produção acadêmica: a de reunir fontes e informações [...] tanto para o usuário interno (alunos e professores) como para o público externo de pesquisadores, mesmo aqueles não ligados à comunidade universitária (CAMARGO,1999, p. 57).

Segundo Camargo, na década de 1970 foi estimulada a criação de centros de documentação nas universidades pelo Ministério da Educação que, na gestão de Ney Braga, colocou como função das universidades brasileiras a preservação dos acervos documentais do Brasil. A autora aponta que essa iniciativa parece ter como modelo as universidades americanas.

A matriz dessas iniciativas parece estar originada em iniciativas similares anteriores, promovidas pelas universidades americanas. A partir as bibliotecas e arquivos particulares de ex-presidentes dos EUA, por exemplo, montaram-se memoriais ou centros de documentação que se tornaram paradigmas para as universidades de todo o mundo, incluindo o Brasil. Hoje, as grandes universidades brasileiras são dotadas desse tipo de centro, a serviço das ciências humanas e sociais (CAMARGO,1999, p. 58).

A pesquisa e as novas perspectivas em relação aos documentos e fontes e ao que seja uma fonte possibilitaram para os pesquisadores, principalmente relacionados às ciências humanas, repensar os arquivos e descobrir nas documentações novas possibilidades de abordagem desses objetos de pesquisa. A história, assim como as outras ciências humanas, tem, portanto, além da acolhida de novas fontes para seus arquivos nas universidades, a possibilidade sempre de redescoberta destas com sentido argumentativo e de análise.

Há um outro aspecto que merece lembrança, para que possamos compreender como se formaram os centros de nossas universidades. Inquietações da historiografia, da antropologia, da ciência política, das ciências humanas em geral, especialmente nos anos 60 e 70, geraram a abordagem de novos temas. Portanto, descobrem-se novas fontes ou se redescobrem aquelas que, já utilizadas, podem ser lidas e manejadas de uma outra forma. Esse é o movimento que faz o acadêmico, o cientista social, o historiador.²

A relação do historiador com os arquivos ajuda a lançar um novo olhar sobre eles a partir não somente do seu conteúdo, mas também da ausência deste. O Cedem, Centro de Documentação e Memória da UNESP, foi fundado a partir de núcleos de pesquisa de historiadores que tinham o objetivo de criar um centro de arquivos e de levantar documentações sobre a história da UNESP. O acervo do Cedem, desde outubro

de 1996, encontra-se disponível para consulta e tem como característica a dedicação de grande parte do acervo à esquerda brasileira, destacando-se os acervos de Mario Pedrosa, do PCB, de movimentos sociais diversos e do fundo Santo Dias, objeto de minha pesquisa³.

O Fundo Santo Dias, pertencente ao Centro de Documentação e Memória da UNESP, apresenta como peculiaridade ser um dos poucos casos de acervos no Brasil dedicados a um único operário.

Os acervos geralmente tendem a reunir documentação de intelectuais, políticos, artistas ou mesmo de militantes de esquerda, ou seja, mesmo os arquivos dedicados à classe operária tendem a abordar os personagens de forma coletiva. O acervo Santo Dias, formado a partir da documentação reunida por seus familiares, tem a importância de ser um acervo dedicado a um único operário e por isso valoriza a memória dos trabalhadores enquanto indivíduos e sujeitos da história.

A ideia de formar um acervo dedicado à memória de Santo Dias, segundo sua filha, Luciana Dias, foi de um amigo da família, Istivan Jankynson, que na época da morte de Santo Dias comprou todos os jornais que falavam sobre o fato e resolveu, a partir desse momento, juntar todos os documentos sobre ele. A partir de então, Ana Dias, a viúva, passou a reunir tudo sobre Santos Dias que fosse produzido por amigos, entidades ou igrejas.

A primeira pessoa a montar um pequeno arquivo sobre a morte e os acontecimentos pós-morte de Santo Dias foi um amigo da família, Istivan Jankynson, que no dia da morte comprou todos os jornais do dia e fez cinco álbuns de recortes sobre tudo o que aconteceu com SANTO DIAS e sobre a greve.⁴

A documentação foi sendo reunida pela família através dos anos e dos eventos e celebrações realizadas pelos movimentos de pastorais e companheiros de luta que procuraram, de inúmeras formas, lembrar-se de Santo Dias.

Os documentos foram durante anos guardados em caixas e sacos plásticos, pois a família não tinha experiência sobre a melhor forma de conservar o acervo.

Para a formação do Fundo Santo Dias, foi de suma importância a decisão de Luciana Dias de escrever um livro sobre a memória de seu pai. Para a consolidação de seu objetivo, contou com ajuda da jornalista Jô Azevedo e da fotógrafa Nair Benedicto.

Para Luciana Dias, o objetivo principal de escrever o livro e depois doar a documentação para o Cedem foi relatar não somente a memória de seu pai, mas também de sua mãe, Ana Dias, e da luta que juntos enfrentaram com outros companheiros. Junto

com Santo Dias são trazidas também narrativas de pessoas simples e das dificuldades enfrentadas por grande parte dos trabalhadores de sua época.

Era de suma importância registrar a história de luta não somente de SANTO DIAS, mas também de sua esposa e companheira, ANA DIAS, pois eles faziam tudo junto, tanto que até no dia da morte eles fizeram porta de fábrica juntos, ela voltou para casa e ele foi se reunir com o comando de greve⁵

A publicação do livro *Santos Dias: quando o passado se transforma em história*⁶ influenciou na formação do acervo Santo Dias, na busca de pessoas que conviveram com ele e de documentações, ajudando também a enriquecer o acervo que já era variado e numeroso, também havendo a necessidade de procurar profissionais para ajudar a catalogar e higienizar a documentação.

Na verdade, fomos buscando todo o arquivo onde sabíamos que podíamos encontrar alguma coisa que nos ajudariam na escrita do livro, lemos muitos documentos, muitas teses, livros e depois passamos para os cuidados de um bibliotecário Eduardo Fahl e Vanessa que foram selecionando os arquivos, transcrevendo as entrevistas e higienizando toda a documentação para ser doada posteriormente para o CEDEM.⁷

A elaboração do livro foi essencial para a criação do acervo, pois a partir do trabalho de reunião e de tratamento das fontes foi possível organizar o Fundo Santo Dias.

Além da documentação reunida pela família, outras pessoas também colaboraram para a formação do acervo Santo Dias, com doações de documentos de vários tipos, como panfletos, jornais e periódicos. São muitas as correspondências, fitas e depoimentos de pessoas que conviveram com Santo Dias e contribuíram para a formação de sua memória.

Várias pessoas nos ajudaram com seus documentos e arquivos pessoais, como Luis Eduardo Greenhalg, Comissão Justiça e Paz, Centro Pastoral Vergueiro, amigos que doaram suas documentações pessoais, como toda a coleção encadernada do Jornal “O MOVIMENTO”, doado pelo casal Conrado e Araci.⁸

Nesse sentido, a memória de Santo Dias expressa nas variadas documentações é múltipla e ao mesmo tempo fragmentada, pois é o resultado de fontes reunidas por diferentes pessoas, instituições e movimentos populares. Fontes essas que expressam também diferentes perspectivas em relação ao personagem lembrado.

A reunião de toda a documentação para a elaboração do livro ocorreu, segundo Luciana Dias, durante um período de dois anos aproximadamente, tendo sido necessário muito esforço para a concretização do trabalho, entre entrevistas, leituras e pesquisas.

De acordo com a família, as maiores dificuldades para a formação do acervo foram a falta de experiência em relação à conservação da documentação e a quantidade, já que muitos objetos e escritos necessitavam de tratamentos e conservação diferenciada de especialistas.

Falta de experiência da família que só foi reunindo tudo em caixas e sacos plásticos de forma bem caseira. A grande diversidade de documentos, como panfletos, boletins, cartas, livros, cadernos, poesias, manuscritos, músicas, CDs, etc.⁹

Conforme Luciana Dias, mesmo com as dificuldades, o trabalho teve boa aceitação por parte das pessoas que leram o livro e visitaram o acervo para pesquisar ou saber mais sobre Santo Dias. As diversas pessoas que visitaram o acervo aprovaram a organização e o trabalho feito, assim como a mídia, quando vem à procura de informações, que tem no acervo um material importante para sua pesquisa e informação. Assim avaliou o resultado do seu trabalho Luciana Dias.

Depois da doação muitas pessoas que visitaram e consultaram o CEDEM só tem elogiado o tratamento e a organização dos mesmos, bem como quando alguma mídia quer fazer uso das informações eles entram em contato com a família.

Segundo a documentadora Vanessa Miyash, também responsável pela organização da documentação de Santo Dias no Cedem, após a elaboração do livro, a documentação foi enviada com a mesma divisão e organização deixada pelos familiares e assessores, ficando para a instituição definir o espaço destinado à documentação. Os funcionários do Cedem também confirmaram a informação quanto ao *layout* do acervo.

Primeiro recolhemos todo o arquivo da família e selecionamos com ajuda de um bibliotecário todos os documentos existentes e livros também, tudo foi usado por nós para escrever o livro e depois doamos para utilização de pesquisadores e interessados para o CEDEM.¹⁰

O conteúdo do acervo está ligado ao processo de elaboração do livro, pois toda a documentação foi reunida com o objetivo principal de produzir o livro sobre Santo Dias. Portanto, é possível estabelecer um diálogo entre as abordagens e suas relações no processo da construção da memória de Santo Dias.

O Fundo Santo Dias, em relação à tipologia e à quantidade de documentos, pode ser descrito da seguinte forma na tabela abaixo;

Descrição das fontes	Quantidade de exemplares
Correspondências familiares	19
Fotos familiares	9
Documentos pessoais	12
Correspondências (atividades políticas)	48
Relatórios do Movimento Custo de Vida	5
Panfletos da Oposição Sindical Metalúrgica e do Movimento Custo de Vida	82
Boletins do Movimento Custo de Vida	2
Textos de Formação	17
Cartilhas de formação (sindical e pastoral)	61
Artigos de jornal do Movimento Custo de Vida	222
Documentos Pós-Morte	
Correspondências (Homenagens/Solidariedade)	541
Artigos em jornal	470

Relatórios e atividades políticas	41
Documentos diversos (textos, cópias)	212
Boletins informativos do Movimento Custo de Vida, da Oposição Sindical Metalúrgica e dos movimentos pastorais e sociais	108
Entrevistas	4
Revistas sobre diversos assuntos	36
Cartazes	32
Homilias	46
Panfletos	169
Audiovisuais	35 fitas cassetes
Fotos (eventos, inaugurações e julgamento do soldado Herculano)	506
<i>Slides</i>	811
Poesias e músicas	17
Dissertação de mestrado sobre Santo Dias	1
Proposta de canonização de Santo Dias	1
Textos diversos/pastorais sociais e MCV	108
	Total: 3.615 unidades

A maioria da documentação foi reunida e produzida após a morte de Santo Dias, sendo dividida em diversos tipos de documentação. Muitos dos documentos possuem um

conteúdo que se repete, principalmente em relação ao acervo pós-morte, caracterizado por homenagens que estão presentes em grande parte do acervo.

Em relação às atividades políticas¹¹ de Santo Dias, o que mais aparece no acervo é sua participação ativa no Movimento Custo de Vida e na Oposição Sindical Metalúrgica. As evidências estão na quantidade de boletins e panfletos informativos referentes a esses movimentos.

O acervo Santo Dias é composto por documentos iconográficos como fotos, *slides*, documentos escritos, como correspondências, letras de músicas, panfletos, jornais e também por audiovisuais, constando de cerca de 3.615 documentos registrados na base de dados do Cedem.

As correspondências familiares tratam de temas relativos à vida pessoal de Santo Dias, principalmente do momento em que veio morar em São Paulo, deixando a família e sua namorada em Viradouro. Sua principal interlocutora nessas cartas foi justamente sua namorada, Ana Dias, que tempos depois viria a tornar-se sua esposa. As fotos familiares são geralmente imagens de momentos de recreação e de interação familiar e comunitária. Imagens da construção de sua casa, da igreja da qual participava, de seus amigos e familiares ajudam a entender a boa convivência de Santo Dias nos vários ambientes pelos quais passou.



Figura 1. Santo Dias e seus familiares e amigos, 1969.

Entre os documentos pessoais de Santo Dias, encontram-se também certificados de cursos, pois por várias vezes durante sua vida tentou ascender dentro de sua empresa, mas não teve muitas oportunidades para ocupar cargos de melhor remuneração.

As correspondências referentes à sua militância política são em sua maioria recebidas e endereçadas ao Movimento Custo de Vida e à Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo com assuntos referentes a reuniões e decisões a serem tomadas nas diversas mobilizações de que participava. Os relatórios têm como conteúdos as reuniões e mobilizações do Movimento Custo de Vida.

Os panfletos, boletins, textos e cartilhas de formação são dedicados à formação dos militantes e principalmente a lideranças do Movimento Custo de Vida, da Pastoral Operária, das CEBs e de outros movimentos próximos à Teologia da Libertação.

Nessas formações, os militantes apreendiam de forma bastante didática a conjuntura social e política do Brasil da época e as perspectivas do movimento operário para superar essas supostas contradições.

Os artigos de jornal do período em que Santo Dias estava vivo são geralmente referentes às atividades do Movimento Custo de Vida que, naquele momento, realizou várias mobilizações de conscientização e de enfrentamento da política econômica do regime militar, contestando o poder de compra dos salários em relação às necessidades básicas dos trabalhadores.

As entrevistas são com os familiares e com pessoas que conviveram com Santo Dias, e falam sobre a convivência com ele, as dificuldades e desafios enfrentados na época. Talvez a entrevista mais interessante tenha sido a concedida por Ana Dias, ao falar do apoio e das preocupações com o envolvimento do marido na Igreja e no sindicato, e também dos pequenos conflitos que as escolhas de Santo Dias geraram em uma época conturbada em que suas opções políticas poderiam lhe custar a vida, o que de fato ocorreu. No trecho abaixo, Ana Dias fala sobre as dificuldades que passou quando Santo Dias foi demitido de seu emprego, no caso, da empresa Metal Leve, após o registro de sua chapa na eleição sindical.

e ele foi mandado embora. Foi uma das piores coisas da vida dele, porque ele tava sonhando com a participação naquela chapa, assim como uma conquista dos operários [...] Ele iria ser vice-presidente do sindicato¹²

As revistas abordam diversos assuntos e em geral foram produzidas pelo Movimento Custo de Vida, pelo Centro Santo Dias, pela Pastoral Operária e pelas

associações de bairro. Elas abordam as assembleias e as reivindicações. As características dessas publicações são muito mais próximas as de um panfleto informativo do que as de uma revista comercial. A linguagem utilizada é sempre uma convocação à luta e à mobilização frente às causas sociais.

Os cartazes foram produzidos pela Pastoral Operária para homenagear o aniversário da morte de Santo Dias. Alguns deles trazem temáticas atuais, mas sempre com a imagem do operário. Os cartazes também funcionam como convites para celebrações religiosas e atos públicos em memória de Santo Dias no dia 30 de outubro, no local onde foi assassinado.



Figura 2. Cartaz da Pastoral Operária, 1989¹³

No cartaz, as pessoas são convidadas a participar de uma celebração religiosa e de um ato público em memória de Santo Dias. Nota-se a imagem de Santo Dias sorridente e, ao fundo, o contraste entre as realidades do campo e da cidade, com os dizeres “10 anos de luta e esperança”, em uma evidente manifestação em relação ao aniversário da morte do operário e do seu legado de luta segundo os organizadores, no caso, a Pastoral Operária.

O termo homilia¹⁴ vem do grego *Homiletikos*, de *homilos* (montar em conjunto, conversa em família), um dos ramos da retórica antiga. Dentro da liturgia católica, é o sermão do sacerdote que ocorre geralmente após a leitura do evangelho. As homilias do acervo fazem referência geralmente à morte de Santo Dias e à sua dedicação aos movimentos sociais. Sua morte é geralmente associada ao martírio daqueles que entregaram sua vida em prol do evangelho e da justiça.

Os panfletos falam sobre Santo Dias e de como seu exemplo de luta em favor dos trabalhadores deveria servir de motivação para continuar a luta, seja nos sindicatos, nas associações de bairro ou nas pastorais sociais da igreja.

Os audiovisuais possuem entrevistas, músicas gravadas em homenagem a Santo Dias, filmagens sobre comemorações envolvendo a memória desse operário, enfim, um material bastante fragmentado e composto por distintas narrativas e produções culturais que remetem ao personagem Santo Dias.

As fotos pós-morte do fundo Santo Dias foram, em grande parte, produzidas durante eventos que rememoravam sua morte, em homenagens e celebrações em busca de justiça em relação ao policial acusado de matá-lo, o soldado Herculano. Também se destacam fotos tiradas durante o percurso de seu velório, em que o fotógrafo Ricardo Alves pôde retratar a enorme comoção que o assassinato de Santo Dias causou na população da época.

Os *slides* retratam o julgamento do soldado Herculano, responsável pelo disparo que assassinou Santo Dias. Em 1982, o soldado Herculano Leonel foi condenado a seis anos de prisão, mas recorreu e o processo foi arquivado.

No acervo existem também letras de músicas e poesias dedicadas a Santo Dias, quase todas com conteúdo de contestação social, mas também de cunho religioso. Muitas dessas canções tornaram-se parte das celebrações nas comunidades de base, nas pastorais sociais (Pastoral Operária, Pastoral da Terra, Pastoral da Juventude, CEBs etc.), além de nas associações de bairro.

O principal aspecto dessa produção cultural é que ela foi feita por pessoas simples, próximas a Santo Dias, e retratam seus anseios e esperanças, mas também recordam tempos difíceis.

Companheiro Santo

Você está presente
No coração do povo
Na voz da nossa gente
Você não morreu
Seu sangue
É uma semente
Que faz brotar no peito
Que faz crescer na mente
De cada operário
Tornando-o consciente
Da união do povo
Que forma uma corrente
Que liberta do medo
E o faz mais resistente...

Música Companheiro Santo

A música “Companheiro Santo” faz parte das composições que abordam a vida de Santo Dias como tema. Nessa parte do acervo existem várias outras canções e poemas que pretendo analisar posteriormente, pois essas produções artísticas contêm falas e discursos que ajudam a contemplar o processo de construção da memória de Santo Dias.

A dissertação de mestrado em Ciências da Religião foi escrita por Sílvio Luiz Sant’Anna, formado em História pelo programa de pós-graduação da PUC de São Paulo, com o título: *Santo dos nossos dias; fé, política e compromisso social no cotidiano de luta de um operário na Paulicéia dos anos 70*. Nesse livro, além de descrever parte da trajetória de Santo Dias, o autor aborda questões de cunho religioso, sendo que sua vida e o cotidiano do operário são confrontados com as perspectivas conceituais, discursivas e até messiânicas de setores progressistas da Igreja Católica e da realidade social brasileira.

O povo do qual Santo fazia parte, vindo dos mais diversos e remotos rincões do Brasil, estava prenhe de experiências messiânicas de seus antepassados, vividos em tempos imemoriáveis, que dado à emergência dos acontecimentos daqueles dias vividos nos 1970, vinham à tona em forma de cantos populares, de causos, que se confundiam com a realidade, parecendo que a qualquer momento haveria a irrupção de um novo ciclo de prosperidade para o povo.¹⁵

Por último se encontram textos variados do Movimento Custo de Vida, das Pastorais Sociais, sendo que alguns falam sobre Santo Dias, outros não. Entre os textos, existe até uma proposta de canonização de Santo Dias dada sua importância para a luta dos trabalhadores.

Nessa breve descrição do acervo Santo Dias é possível perceber a variedade de documentação e ao mesmo tempo a forma fragmentar em que esta se apresenta. A busca de um sentido de explicação pode ser possível dentro de uma perspectiva interpretativa dos discursos que permeiam a formação do Fundo Santo Dias. Sendo assim, também é necessário analisar os discursos e utilizações em torno da memória do operário Santo Dias

A memória de Santo Dias é representada pelos registros familiares, por alguns documentos referentes à sua morte e pela lembrança produzida através de homenagens.

Durante a pesquisa, a principal dificuldade foi produzir uma narrativa que possibilitasse uma reflexão sobre a importância de analisar a construção da memória de

Santo Dias. Nesse sentido, durante alguns momentos, a linguagem utilizada para descrever o personagem foi confundida com uma tentativa de exaltação ou legitimação deste, mas, neste trabalho, o que procurei fazer foi justamente desconstruir e decifrar práticas, signos e mitos em relação à memória de Santo Dias.

Analisar a construção da memória de Santos Dias significou problematizar também parte da memória do movimento sindical e social brasileiro que, no caso da Oposição Sindical Metalúrgica – às vezes até marginalizada, graças ao já histórico legado de combatividade e disposição para a luta –, sem dúvida contribuiu em muito para o que se convencionou chamar de “novo sindicalismo”. O “radicalismo”, no bom sentido do termo, ia até as “raízes” das contradições e das dificuldades que os trabalhadores passavam naquele momento.

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. Quando se procura enquadrar a memória nacional por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo. Esse último elemento da memória – a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento – mostra que a memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização (POLLAK, 1992, p. 4).

Pollak aponta os vários aspectos e disputas que existem em torno da constituição da memória de um povo, que possuem antes de tudo um processo de organização, portanto de construção da memória.

A memória de Santo Dias foi organizada através de documentos em um acervo institucional, mas também possui aspectos imateriais que a produziram, reinventaram e celebraram, e assim se mantém presente nos movimentos sociais e pastorais. Nesse sentido, a memória do operário Santo Dias é um construto social que tem ao longo do tempo incorporado expressões, contradições, conflitos e discursos

A partir da década de 1990 houve o enfraquecimento dos setores progressistas da Igreja Católica ligados a Teologia da Libertação, personagens como Santo Dias são

rememorados graças a pequenos grupos da Pastoral Operária e CEB's que ajudam a construir e manter a memória de líderes populares.

A Teologia da Libertação teve seu processo de refluxo intensificado na década de 90, deixando marcas significativas no catolicismo brasileiro. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil institucionalizou em suas linhas de ação grande parte das reivindicações e propostas das pastorais sociais. Isso fica evidente sobretudo nas Campanhas da Fraternidade promovidas anualmente. Nelas, questões sociais e segmentos populacionais marginalizados recebem atenção especial, transformando-se em alvo de discussões e de práticas pastorais. Mesmo sem todo o poder de influência cultural desejado, a Igreja Católica é uma instituição ainda razoavelmente ouvida e respeitada, sobretudo no que se refere às políticas governamentais de caráter social.¹⁶

A ascensão da Renovação Carismática Católica, tendência conservadora, de perspectiva intimista e voltada principalmente a disputa do chamado mercado religioso, faz com que a memória de lideranças como Santo Dias e o legado de luta de muitas comunidades acabe esquecidos.

Outros movimentos católicos se desenvolveram após o Concílio Vaticano II, mas um especificamente viria a ganhar importância: a Renovação Carismática Católica (RCC). Nascido nos Estados Unidos, em 1967, ela não tardou a se espalhar por outros países, inclusive o Brasil. A RCC esteve praticamente na penumbra no decorrer das décadas de 70 e 80, vindo efetivamente a ganhar visibilidade nos anos 90. O movimento se organizou nacionalmente construindo uma estrutura presente em todas as dioceses brasileiras. Simultaneamente ao crescimento carismático se deu o refluxo da Teologia da Libertação. A abertura política com o fim da ditadura militar, o conservadorismo eclesial desencadeado pelo pontificado de João Paulo II e a crise do pensamento de esquerda com a queda do bloco socialista capitaneado pela União Soviética são os principais fatores do processo de despolitização católica. Embora muitos militantes católicos de esquerda tenham preservado sua atuação em algumas pastorais sociais, estava pavimentada na Igreja a avenida para o avanço da RCC.¹⁷

A memória de Santo Dias esta amplamente ligada aos sindicatos, movimentos sociais e pastorais sociais da Igreja Católica, pois esses grupos ajudaram a construir sua memória e dar novos significados a mesma. Além do papel de rememoração o legado de Santo Dias aponta para uma perspectiva de resistência desses grupos.

Nas entrelinhas dos panfletos, livros, cantos e poesias que ajudam a contar a história de Santo Dias estão também parte do legado cultural e das inquietações políticas de vários homens e mulheres anônimos que sonharam, lutaram, perderam mais vezes que ganharam, mas que têm, apesar das limitações, a possibilidade de não serem

esquecidos, pois lembrar Santo Dias é também contar que em bairros longínquos e pobres da periferia da São Paulo dos anos 1970 pessoas simples fizeram e continuam fazendo a história.

Conclusão

Santo Dias é representado como um exemplo de luta e dedicação às causas populares, o que ajuda a fazer com que sua memória se mantenha dentro dos movimentos sociais, principalmente em São Paulo e na Pastoral Operária. Além da institucionalização da memória de Santo Dias por meio do acervo no Cedem, e de ter vários locais batizados com seu nome, a prática da rememoração através de músicas e celebrações ajuda a manter sua figura sempre atual diante dos conflitos do presente. Dentro de uma perspectiva que vai além das possibilidades do político e do poder, mas que também se nutre de uma espera messiânica, as derrotas, a morte e a marginalização não impedem que movimentos pastorais ligados à Teologia da Libertação, como a Pastoral Operária, vislumbrem no “horizonte do vir a ser” o paradoxo escatológico em que a transcendência e a imanência confluem para a utopia.

Mesmo quando a conjuntura política e social não era favorável aos movimentos sociais nos anos 1990, a utilização de ícones de alguma forma resgatava elementos de coesão e de lutas anteriores. Por mais frágil que pareçam essas manifestações, elas permanecem e se renovam de acordo com os discursos e apropriações feitas em torno de Santo Dias.

Os anos 1990 redefiniram novamente o cenário das lutas sociais no Brasil, deslocando alguns eixos de atenção dos analistas. Os movimentos sociais populares urbanos dos anos 70-80 alteraram-se substancialmente. Alguns entraram em crise interna: de militância, de mobilização, de participação cotidiana em atividades organizadas, de credibilidade nas políticas públicas e de confiabilidade e legitimidade junto à própria população. Sem falar nas crises externas decorrentes da redefinição dos termos do conflito social entre os diferentes atores sociais e entre a sociedade civil e a sociedade política, tanto em termos nacionais como em termos dos referenciais internacionais: queda do muro de Berlim, fim da União Soviética, crise das utopias, ideologias etc. (GOHN, 2006, p. 304).

Conforme o tempo foi passando, as manifestações em torno da memória de Santo Dias também foram ficando mais restritas e atingindo um público menor. Os discursos também foram se modificando e tornaram-se menos “radicais” em relação à sociedade e a possíveis mudanças.

A luta pela cidadania e por políticas públicas locais, a amplitude do significado do termo político a partir das práticas democráticas nas associações de bairro e no sindicato, além de serem uma experiência coletiva vivenciada por várias pessoas, encontram eco no legado e na memória de Santo Dias, que continua atual.

As periferias de São Paulo e do Brasil continuam lugares esquecidos pelo Estado, onde cidadania e acesso a serviços básicos de qualidade ainda estão distantes. A violência, as drogas e a falta de perspectiva são parte integrante do cotidiano. Santo Dias foi um exemplo claro de liderança que surgiu a partir da base e dos trabalhadores e principalmente a partir do que se convencionou chamar de “novo sindicalismo”.

O sindicato dos metalúrgicos já não é mais o mesmo do final dos anos 1970, mas a memória de Santo Dias está atrelada sem dúvida à história desses operários, principalmente à Oposição Sindical Metalúrgica, que vem realizando um trabalho de resgate da memória dos trabalhadores que fizeram parte de décadas de lutas¹⁸.

A memória de Santo Dias possibilitou aos trabalhadores maior poder de mobilização e luta. A comoção diante de sua morte ajudou os operários a continuar a greve e até mesmo a enfrentar os órgãos de repressão da época.

Ao refletir sobre a memória de Santo Dias, é necessário ter a percepção de que se trata também de uma luta silenciosa e sutil, mas que não deixa de ser um enfrentamento de classe pela memória dos trabalhadores. A história de operários como Santo Dias é fragmentar e frágil, mas não deve ser esquecida. A luta política e social, mesmo que na maioria das vezes resulte em derrota, motiva os movimentos sociais e de trabalhadores mobilizados em torno de melhores dias e relembrando as memórias daqueles que lutaram antes.

Referências

ALMEIDA, Paulo Roberto. *Círculos operários católicos: práticas de assistência e de controle no Brasil*. (dissertação de mestrado) São Paulo: PUC, 1992.

ALVES, Márcio Moreira. *A Igreja e a política no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

ANDERSON, Perry. *O Fim da História de Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED, 1992.

ANTUNES, Ricardo. *A rebeldia do trabalho: o confronto operário no ABC paulista*. São Paulo/Campinas: Ed. da Unicamp/Ensaio, 1988.

ANTUNES, Ricardo L.C. (1986) - *As formas da greve (O confronto operário no ABC Paulista: 1978/80)*, Tese de Doutorado em Sociologia, São Paulo, Departamento de Ciências Sociais, FFLCH, USP, mimeo. _____ . *O novo sindicalismo*. São Paulo: Scritta, 1991.

- ANTUNES, Ricardo. *O que é Sindicalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. Tradução: Denise Bottmann, São Paulo, Companhia das Letras, 2008.
- ARNS, Paulo Evaristo. *Da esperança à utopia: testemunho de uma vida*. Rio de Janeiro, Sextante, 2001.
- AVELAR, Alexandre de Sá. Subjetividades contemporâneas e escrita biográfica; limites, desafios e possibilidades. *Revista História Oral*. Volume 13, número 2, Julho- Dezembro de 2010.
- BATISTONI, Maria Rosângela. *Confronto Operário: A Oposição Sindical Metalúrgica nas greves e nas comissões de fábrica de São Paulo (1978- 1980)*. São Paulo: IIEP, 2010.
- BATISTONI, Maria Rosângela. *Entre a fábrica e o sindicato: Dilemas da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo (1967-1987)*. Tese de Doutorado (Serviço Social), PUC, São Paulo, 2001.
- BARRACLOUGH, Geoffrey. “A Revolta contra o Ocidente” In: *Introdução a História Contemporânea*, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1975, p.176-188.
- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERMAN, Mashall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: uma aventura na Modernidade*. Companhia das Letras, 1986.
- BLOCH, Marc. “Memória coletiva, tradição e costume: a propósito de um livro recente”. In BLOCH, Marc. *História e Historiadores: textos reunidos por Étienne Bloch*. Lisboa: Editorial Teorema, 1998.
- BOFF, Leonardo & BOFF Clodovis. *Como fazer Teologia da Libertação*. Petrópolis RJ, Editora Vozes, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de M.(orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 183-191.
- BOLLE, W. *Fisionomia da Metrópole Moderna*. – 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade - lembranças de velhos*. 14ed. São Paulo: Cia das Letras, 2007
- BRUNEAU, Thomas. *O Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1972.
- CASTRO, Josué. Fome e o desequilíbrio econômico, pp. 11-55. In: “*O Livro negro da Fome*”. São Paulo, Editora Brasiliense, 1960.
- CAMACHO, Ildefonso. “*Doutrina Social da Igreja*”. São Paulo, Edições Loyola, 1995.
- CHABONNEAU, Paul-Eugene, “*Cristianismo, Sociedade e Revolução*”. São Paulo, Editora Heder, 1967.
- CHABONNEAU, Paul-Eugene. “*Desenvolvimento dos povos*”. São Paulo, Editora Heder, 1967.
- CASADEI, Eliza Bachega. Maurice Halbwachs e Marc Bloch em torno do conceito de memória coletiva. *Revista Espaço Acadêmico*. Volume 9, n.108 Maringá PR, Maio de 2010.
- CADIOU, François & Outros. *Como se faz história: historiografia, método e pesquisa*. Tradução: Giselle Unti, Petrópolis RJ, Editora Vozes, 2007.
- COMAY, R. O fim de partida de Benjamin. In: BENJAMIN, A. & OSBORNE, P. *A filosofia de Walter Benjamin*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CASTORIADIS, Cornelius. *Experiencia do movimento operário*. Edição Brasileira.
- DOSSE, François. “Uma história social da memória”, In: *A História*. Bauru; Edusc, 2004

- DUFFY, Eamon. “*Santos e Pecadores*”; *História dos Papas*. Tradução: Luis Antônio Araújo, Cosac & Naify Edições, São Paulo, 1998.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Memória, História e Testemunho”, In: *Stella & NAXARA, Márcia (org) Memória e ressentimento. Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas : ED Unicamp, 2004 p. 85-94.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- GASPARI, Élio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GINZBURG, Carlo. “*O Queijo e os vermes: O Cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*”. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*, 5ª .ed. São Paulo: Loyola, Abril de 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.
- MCKENZIE, John L, *Dicionário Bíblico*. Trad. Álvaro Cunha, São Paulo, Ed. Paulinas, 1983.
- MENDONÇA, Sonia R. & Fontes, Virginia Maria. *História do Brasil Recente 1964-1980*. São Paulo, Editora Ática, 1998.
- MEZZANOTTE, Ricardo. “*Vultos da História*”; *João XXIII*. Tradução: Edna Franklin de A. Gimenez, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1976.
- MURARO, Valmir F. JOC: uma utopia operária? (dissertação de mestrado). São Paulo: USP, 1984.
- MOISES, José Álvaro. *Alternativas Populares da Democracia: Brasil anos 80*. Petrópolis RJ, 1982.
- NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*, nº 10, dezembro de 1996.
- LALANDE, Bernadete. “*Pacem in Terris*”. Tradução: João Maia S.J. Livraria Sam Pedro Editora, Lisboa, 1964.
- LIBANIO & MURAD. “*Introdução a Teologia*”. São Paulo, Edições Loyola, 1996.
- LÖWY, Michael. “*Marxismo e Teologia da Libertação*”. Tradução: Myrian Vera Baptista, São Paulo, Cortez Editora, 1991.
- PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. *Problemas, limites e possibilidades: os desafios do paradigma biográfico*. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Vol. 2 Nº 4, Dezembro de 2010
- POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.
- REVEL, Jacques. *Microanálise e construção do social*. In: _____. (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 15-38.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena - experiência e luta dos trabalhadores da grande S.Paulo, 1970-1980*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SANT’ ANNA, Silvio Luiz. *Santo dos nossos dias; fé, política e compromisso social no cotidiano de luta de um operário na Paulicéia dos anos 70*. São Paulo, Líber Edições, 1970.
- SERBIN, Kenneth. *Díálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.
- SCHMIDT, Benito B. *Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica*. História Unisinos. São Leopoldo: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale dos Sinos, vol. 8, nº. 10, jul./dez. 2004, pp. 131-142.
- SOUZA, André Ricardo de. *Igreja Católica e Mercados: a Ambivalência entre a Solidariedade e a Competição. Religião e sociedade*. Volume 27, no.1, Rio de Janeiro Julho 2007.

VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea; história dos santos*. Tradução: Hilário Franco Junior, Companhia das Letras, São Paulo, 2003.

VARUSSA, Rinaldo J. *Pastorais operárias: religiosidade, perspectivas e práticas políticas. Arquidiocese de São Paulo (1964-1975)*. (dissertação de mestrado) São Paulo: PUC, 1995.

TELES, Janaína (org.). *Mortos e desaparecidos políticos: reparação ou impunidade? São Paulo: Humanitas - FFLCH/USP, 2000*

TELLES, Vera da Silva. *A Experiência do autoritarismo e práticas instituintes: os movimentos sociais em S.Paulo nos anos 70*. (dissertação de mestrado). São Paulo: USP, 1984.

THOMPSON, Edward P. *A Formação da Classe Operária Inglesa, "A árvore da liberdade"*, vol. I, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Documentos.

Arquidiocese de São Paulo. *Brasil: tortura nunca mais*. Pref. De D. Paulo Evaristo Arns. Petrópolis (RJ): Vozes, 1985.

Fundo Santo Dias. Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP

DIAS, Luciana; AZEVEDO, Jô & BENEDICTO, Nair. *Santo Dias: quando o passado se transforma em história*. São Paulo, Cortez, 2004.

NOSELLA, Paolo. *Por que mataram Santo Dias*. São Paulo: Editora Cortez, 1980.

¹ NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História, nº 10, dezembro de 1996, p.12.

² CAMARGO, Célia Reis. Os centros de documentação nas universidades: tendências e perspectivas. **In: SILVA, da Lopes Zélia (org.) Arquivos, Patrimônio e Memória, trajetórias e perspectivas**. Editora UNESP, São Paulo, 1999, p.58.

³ CORREA, Anna Maria Martinez. Os Centros de Documentação e Memória da Unesp. O Centro de Documentação e Memória (Cedem). **In: SILVA, da Lopes Zélia (org.) Arquivos, Patrimônio e Memória, trajetórias e perspectivas**. Editora UNESP, São Paulo, 1999, p.80-81.

⁴ Entrevista com Luciana Dias.

⁵ Entrevista com Luciana Dias

⁶ DIAS, Luciana; AZEVEDO, Jô & BENEDICTO, Nair. **Santo Dias: quando o passado se transforma em história**. São Paulo, Cortez, 2004.

⁷ Idem.

⁸ Entrevista com Luciana Dias .

⁹ Idem.

¹⁰ Entrevista com Luciana Dias.

¹¹ Termo utilizado pelo Cedem para descrever a participação de Santo Dias no sindicato e nos movimentos sociais.

¹² **Fundo Santo Dias**. Centro de Documentação e Memória (Cedem) da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP).

¹³ **Fundo Santo Dias**. Centro de Documentação e Memória (Cedem) da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP).

¹⁴ MCKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico**. Trad. Álvaro Cunha, São Paulo, Ed. Paulinas, 1983, p. 429.

¹⁵ SANT' ANNA, Silvio Luiz. **Santo dos nossos dias; fé, política e compromisso social no cotidiano de luta de um operário na Paulicéia dos anos 70**. São Paulo, Líber Edições, 1970, p.209

¹⁶ Souza, André Ricardo de. Igreja Católica e Mercados: a Ambivalência entre a Solidariedade e a Competição. **Religião e sociedade**. Volume 27, no.1, Rio de Janeiro Julho 2007.

¹⁷ idem

¹⁸ O objetivo do Projeto Memória da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo (1960-1990) é resgatar a memória dessa experiência, tornando-a acessível às atuais gerações. Muitos dos que participaram desse movimento foram acumulando documentos, fotos, gravações. Muitos, ainda, têm memórias não

registradas daquela época. Há pesquisadores que se dedicaram durante anos ao estudo do movimento sindical, sistematizando parte dessas memórias vivas e dos documentos que produziu. Há, ainda, jovens ávidos por experiências mais consistentes de vida e militância política.

Enviado em 23 de maio de 2018 e aceito em 30 de janeiro de 2019